



Quase mil pistas e... nada. Então, o detetive recebeu um telefonema inesperado

Bilhete para um assassinato

MICHAEL BOWKER

DONNA REAM olhou para o relógio na parede da loja de conveniência Dari Mart onde trabalhava, em Eugene, Oregon. Eram 22h30min de domingo, 10 de abril de 1994. *Só mais meia hora antes de fechar*, pensou.

Enquanto limpava o balcão, ouviu a colega Fran Wall conversando com o marido pelo telefone público instalado na loja. As duas mulheres, ambas com

28 anos, eram amigas e vizinhas em um subúrbio próximo.

“Vou para casa daqui a pouco”, disse Wall ao marido. “Amo você.” Ela desligou e foi para os fundos da loja, onde ficavam o banheiro, o depósito e a câmara refrigeradora.

Neste momento, Ream viu um rapaz do lado de fora. Vestido de preto, com longos cabelos louros em um rabo-de-cavalo. Tinha aproximadamente

1,75 m de altura e um rosto infantil, marcado pela acne. Ream recordou que mais cedo, naquele dia, ele entrara para comprar cigarros. Ela pedira uma comprovação de idade, e seu documento de identidade do estado do Oregon indicou que nascera em junho de 1975.

O rapaz entrou na loja, fazendo soar os sininhos eletrônicos da porta. Continuando a trabalhar, Ream percebeu que o rolo de raspadinhas da loja, mantido em uma caixa de plástico ao lado da máquina registradora, havia quase acabado. No dia seguinte, precisaria digitalizar os códigos de barras de um novo rolo de bilhetes lotéricos para o computador, a fim de ativá-los para venda. Ela não sabia que a outra balconista já o fizera. Um novo rolo de 200 bilhetes estava entre a máquina registradora e a caixa.

Ream ergueu os olhos e viu um segundo rapaz, com rosto fino e nariz comprido, nos fundos da loja. O cabelo castanho longo estava solto. Para Ream, ele lembrava um grotesco personagem de histórias em quadrinhos.

De repente, assustou-se com um rosnado à sua direita. Virou-se e deu de cara com um homem alto e barbudo, que segurava uma longa barra de metal e fazia ruídos estranhos.

Estamos sendo assaltadas, pensou Ream, morta de medo. Rapidamente, o rapaz louro entrou no depósito. *Tomara que não ouçam Fran na câmara refrigeradora.*

– Abra a caixa! – trovejou o barbudo.

Ream deu uma pancada na caixa registradora e a gaveta se abriu. O ho-

mem agarrou o dinheiro, entregando as notas e a barra para um quarto homem, que aparecera subitamente.

– Olho nela! – ordenou o barbudo, e depois contornou o balcão, indo para a câmara refrigeradora.

Ream encarou o assaltante que a vigiava. Era pouco mais que um menino.

– Por favor, pegue o dinheiro e vá embora – implorou. – Tenho quatro filhos em casa. Por favor, não me machuque.

O rapaz ignorou-a e manteve a barra acima de sua cabeça. Ream sentiu-se fraca e trêmula. *O que aqueles caras estão fazendo lá atrás?*

Alguns minutos depois, o barbudo e o louro voltaram. O louro tinha sangue espalhado pelo rosto, na camisa e nas calças. *Meu Deus!*, pensou Ream, apavorada. *O que fizeram com Fran?*

– Venha, ordenou o louro, apontando para o depósito. – Não vamos machucar você.

“Bata nela!” *Eles vão me matar,* pensou Ream, em pânico. Agarrou um pesado carrinho de bebidas e empurrou-o para cima dos homens. O barbudo bloqueou o carrinho com a perna e atirou Ream contra a parede do depósito.

– Bata nela! – guinchou o louro. – Você não consegue matar nem uma mulher?

Ream gritou e se encolheu contra a parede, enquanto o barbudo avançava, com a barra de metal erguida. Protegeu a cabeça com os braços antes que o primeiro golpe a atingisse.

Ele baixou a barra repetidamente, destruindo os ossos nos braços e nas mãos de Ream. Apesar da dor inacre-

ditável, ela manteve os braços para cima, protegendo a cabeça. *Se eu desmaiar, nunca mais verei meus filhos.* Tentou reagir, mas um golpe selvagem a derrubou. Encolheu-se, enquanto os homens a chutavam e a esmurravam.

– Passe a faca – rosnou o barbudo. Segundos depois, esfaqueou-a no braço, mas Ream sentia tanta dor que não percebeu.

– Matei a minha, por que você não consegue matar a sua? – provocou o louro. Agora Ream estava desesperada. *Esses animais mataram Fran,* pensou.

Subitamente, os golpes cessaram. Ream olhou por entre os braços e percebeu que os homens estavam distraídos.

É minha única chance. Agachada, atirou-se em direção ao banheiro, a um metro e meio de distância.

Preciso entrar e trancar a porta, pensava, freneticamente. Alcançou o banheiro, bateu a porta e procurou a tranca. Mas o barbudo arrombou a porta, atirando-a contra a parede dos fundos.

– Por que você não morre, piranha! – rosnou, enterrando a barra de metal em sua boca. Sufocada, Ream lutou com todas as forças.

De repente, o barbudo virou a cabeça como se escutasse algo. Eram os sinos da porta da frente. Um cliente! Saiu do banheiro e olhou para a entrada da loja.

Ream bateu a porta e passou a tranca. Em seguida, desabou, esperando que os assassinos voltassem. Mas não ouviu nada. Por fim, abriu a porta e olhou. Não vendo ninguém, correu pa-

ra uma casa vizinha e esmurrou a porta. Uma mulher abriu.

– Mataram Fran! – soluçou Ream. – Por favor, me ajude!

“Preparem-se.” Às 23h05min, Ron Roberts, 32 anos, detetive novato de homicídios, foi notificado do assassinato. Telefonou para o parceiro, Pat Ryan, 42 anos, veterano com 20 anos no departamento de polícia. Cinco minutos depois, os dois detetives chegaram à loja de conveniência. O sargento-detetive de homicídios Rick Gilliam encontrou-os lá.

– Estou encarregando vocês dois deste caso – falou, dirigindo-se diretamente a Roberts.

Roberts sentiu um aperto no estômago. Era policial há seis anos, mas pela primeira vez assumia o papel principal em um caso de homicídio. Havia sido promovido ao setor de homicídios em detrimento de funcionários mais experientes, e sabia que estaria sendo julgado o tempo todo pelos colegas ressentidos.

– Donna Ream, a balconista ferida, forneceu-nos boas descrições dos quatro assaltantes – continuou Gilliam. – É um milagre que ainda esteja viva. A outra balconista não teve tanta sorte – gesticulou em direção à câmara refrigeradora. – Preparem-se.

Os detetives abriram a porta do refrigerador. Fran Wall estava morta, com o crânio brutalmente esmagado. Após alguns segundos, Ryan disse:

– Precisamos pegar esses caras. Se puderam agir assim com esta mulher que nunca lhes fizera nada, não pensarão duas vezes para matar de novo.

Foram necessários 400 grampos ci-

rúrgicos para fechar os ferimentos na cabeça de Ream e várias horas de cirurgia para reparar os danos em seus braços, agora engessados até os ombros. Ela recebeu alta depois de oito dias no hospital. Mas o marido, Rick, percebeu que a mulher, antes forte e confiante, estava aterrorizada.

– Aqueles homens estão livres lá fora, e sou a única pessoa que pode identificá-los – soluçou Ream.

Apenas esperança. Ansiosa para ajudar a polícia, concordou em ser entrevistada por Roberts no dia em que saiu do hospital. Ele chegou carregando um arquivo com 100 fotografias.

– Você pode ver se reconhece um destes homens? – perguntou.

Embora não transparecesse, Roberts estava preocupado. *Passaram-se oito dias; já deveríamos ter apanhado os assassinos*, pensou. A maioria dos casos de homicídio solucionados, ele sabia, encerrava-se em no máximo 72 horas.

Ream já havia descrito os assaltantes e todos os detalhes que conseguia recordar, inclusive o nascimento em junho de 1975 na identidade do rapaz louro. Roberts estava otimista e pensava que ela não teria dificuldade em reconhecer os homens, se suas fotos estivessem no álbum.

Ream olhava as fotos avidamente; porém, vários minutos depois, sentiu um desapontamento profundo.

– Eles não estão aqui – comentou, começando a chorar. – Vocês precisam encontrar os homens que fizeram isto.

Roberts sentiu um aperto no coração.

– Vamos encontrá-los – garantiu, re-

zando para que pudesse cumprir a promessa.

Bilhetes Premiados. Passados dois meses, quase mil pistas haviam sido registradas e investigadas, mas Roberts e Ryan não haviam descoberto nada. O motivo por trás do assassinato de Wall continuava desconcertando a todos. Os proprietários da loja informaram que os homens roubaram apenas 50 dólares da caixa registradora.

Então, no dia 27 de julho, Roberts recebeu um telefonema de um representante da Comissão Lotérica do Estado de Oregon:

– Acredito que temos algo interessante para vocês.

Após alguns minutos, entusiasmado, Roberts contou as novidades a Ryan. Naquela manhã, o auditor da loja de conveniência descobrira que 200 bilhetes de raspadinha haviam sumido. Era o rolo que estivera jogado entre a registradora e a caixa de plástico.

O auditor telefonou para a Comissão Lotérica, a fim de saber se os bilhetes haviam sido digitalizados para o computador da loteria estadual e ativados para venda. Eles foram ativados – no dia do assassinato de Wall.

– Alguns dos bilhetes estavam premiados –, disse Roberts a Ryan. – Alguém se apresentou com eles há apenas um mês, aqui mesmo em Eugene.

Era a primeira pista nova que seguiam em semanas. Em pouco tempo, Roberts telefonou para duas das três lojas onde os prêmios foram pagos. Nas duas vezes, desligou desapontado. Os balconistas informaram que não guardavam os bilhetes se os valores fossem inferiores a 50 dólares. Res-

pirando fundo, Roberts telefonou para Grocery Carts, a última loja na lista.

– Guardamos alguns dos bilhetes premiados como parte de nosso processo de registro – informou o gerente. – Aguarde um momento; vou ver se temos aqui os bilhetes com os números que você citou.

Roberts ficou tenso com a passagem do tempo. Por fim, o gerente voltou:

– Estão aqui.

– Algum deles está assinado? – perguntou Roberts. Ele sabia que as chances eram mínimas, porque geralmente os balconistas não pedem assinatura em bilhetes premiados com menos de 50 dólares. Nenhum dos bilhetes roubados da loja valia mais de 10 dólares.

– Sim, um deles foi assinado – respondeu o gerente. – Tivemos aqui um novato que pedia que todo mundo assinasse os bilhetes. Um tal de ‘Michael Heywood’ assinou este aqui.

O pulso de Roberts acelerou. *Será esta a oportunidade que eu esperava?*

Mudança de Nome. Duas horas depois, Roberts encarava seu terminal de computador, completamente desencorajado. Um especialista em impressões digitais dissera não ser possível extrair nada daquele tipo de papel. Para piorar, Roberts solicitara que o computador verificasse o nome “Michael Heywood” e não encontra-



Donna Ream

ra ninguém que correspondesse às descrições dos quatro assassinos.

Naquela noite, Roberts não dormiu direito e, finalmente, levantou-se às 5h30min. *Algo aqui está me escapando, pensou. Estou perto dos caras, posso sentir isto.* Lembrou-se então. Desde os anos em que patrulhava as ruas sabia que, quando criminosos eram obrigados a se identificar,

com frequência mentiam e usavam um derivado do verdadeiro nome.

Roberts ativou o computador. Três horas depois, digitou o nome “Michael Hayward” e ficou olhando para a tela. Listou “Michael James Hayward”, com uma ocorrência de prisão por injúria dolosa em uma loja de conveniência. Foi descrito como louro, com 1,75 m de altura e 66 kg. A data de nascimento era junho de 1975 – a mesma data que Ream vira no documento de identidade do suspeito.

O endereço de Hayward era a poucos quarteirões de Grocery Carts, onde o bilhete premiado fora resgatado. Roberts estava entusiasmado, mas sabia que havia uma última etapa crítica: Ream precisava confirmar o reconhecimento de Hayward.

Roberts obteve a fotografia da identificação de Hayward nos registros estaduais e misturou-a em uma pilha de fotos do arquivo policial. Lentamente, Ream examinou as fotos. Havia visto

mais de 600 nos últimos cinco meses. Subitamente, seu rosto iluminou-se:

– É este o homem que matou Fran!
– exclamou. Era Hayward.

Contudo, Roberts e Ryan decidiram não prender Hayward imediatamente. Precisavam encontrar os outros três, e apenas Hayward poderia guiar a polícia até eles.

Promessa Cumprida. Durante as três semanas seguintes, Hayward foi vigiado de perto e teve seu telefone grampeado. Em pouco tempo, os detetives identificaram três amigos de Hayward que correspondiam às descrições de Ream. Foram fotografados secretamente, e Roberts misturou as fotos com outras fotos de arquivo e levou-as à casa de Ream.

Ela identificou com precisão os três amigos de Hayward e se virou para Roberts, com olhos lacrimejantes:

– Eu sabia que você cumpriria a promessa – disse, ao abraçá-lo.

Em 3 de setembro de 1994, a polícia prendeu o rapaz de rosto comprido, Johl Brock, 19 anos, em um carro próximo à casa dele em Eugene. No dia seguinte, Roberts e Ryan, apoiados pela equipe local da SWAT, prenderam os outros três enquanto acampavam ao sul da cidade.

Os suspeitos foram levados para salas de interrogatório separadas. Roberts interrogou Daniel Rabago, 16 anos, que ficara vigiando Ream enquanto matavam Wall. Rabago disse que ele e os outros atacantes eram sa-

tanistas, cujo objetivo naquela noite era “matar alguém”. Contou que estavam planejando novos assassinatos quando foram presos.

Hayward admitiu que não conhecia Fran Wall, e acrescentou com desdém:

– Se eu precisasse fazer de novo, nada mudaria. A vida, dela ou de qualquer outra pessoa, não significa nada para mim.

Como Hayward, Jason Brumwell, 19 anos, o barbudo, não pareceu incomodado por ser preso. Disse que roubaram a loja a fim de conseguir dinheiro para comprar drogas.

Roberts e Ryan sentiram um frêmito de adrenalina quando levaram os suspeitos para a cadeia municipal e foram homenageados com o sinal da vitória pelos outros oficiais. Exaustos, os detetives saíram da cadeia para o sol da tarde, pararam por um momento e sorriram um para o outro. Não havia necessidade de palavras.

Brumwell foi condenado à prisão perpétua acrescida de 20 anos, sem possibilidade de condicional. Rabago e Brock confessaram-se culpados de assassinato, agressão e roubo, e receberam sentenças de 11 e 12 anos, respectivamente. Hayward foi acusado pelo assassinato a sangue frio de Wall e condenado à morte. O trabalho de Roberts foi reconhecido pelo Departamento de Polícia de Eugene e, em julho de 1996, ele foi promovido a sargento.

Se você não vencer a princípio, descubra se o perdedor recebe alguma coisa.

Bill Lyon no Inquirer, de Filadélfia